

“HISTÓRIAS FANTÁSTICAS NOS INQUÉRITOS DO VALE DO PURUS E DO JURUÁ”

Autora: Aurilene Oliveira de Araújo

Nos primeiros momentos da história da humanidade, os homens não escreviam. Desse modo, procuravam conservar suas lembranças na tradição oral. Era comum as famílias se reunirem, geralmente à noite, para narrarem diferentes histórias de alegria, medo, trabalho, angústia, como também aventuras do mundo incompreendido e suas façanhas diante dele, como um sentido aliciente para os demais, encurtando o tempo, tornando mais passageira a rudeza da vida bárbara e apagando¹, como diz Sánchez Trincado², os limites entre história e conto, narração real e fingida porque somente assim se explica, diz ele, que dessa dita fonte histórica, a tradição oral, surgissem poemas cosmogônicos tão magníficos, tão sábios, tão totais.

O desconhecido exerce sobre o homem um desafio constante. Com o homem primitivo não era diferente, pois já sentia a necessidade de procurar uma explicação para os fatos que aconteciam ao seu redor. Conforme afirma NELLY NOVAES, “(...) desde as origens dos tempos, o homem deve ter sentido a presença (ou a força) de poderes muito maiores do que sua própria vontade e poder pessoal ou de mistérios que o atingiam, sem que sua mente conseguisse explicar, conhecer ou compreender”³.

Assim, surgem as diferentes formas expressivas: o mito, a lenda, o conto, a fábula, a poesia, etc. É, portanto, objetivo de nosso projeto de pesquisa, orientado pela Profa. Dra. Luciana Marino do Nascimento, o estudo das práticas médicas populares e da presença da ficção na vida dos habitantes de comunidades seringueiras, que constituem parte do corpus do CEDAC, hoje, coordenado pela Profa. Dra. Lindinalva Messias do Nascimento. Nossa fonte de estudos será os dois volumes dos inqueritos: “A língua falada no Vale do Purus” e “A língua falada no Vale do Juruá”, já publicados e coletados pela Profa. Dra. Luisa Lessa, coordenadora do CEDAC até o ano de 2004.

As narrativas orais dos seringueiros do Vale do Purus e do Juruá nos oferecem a oportunidade de estudo da variação lingüística como também da construção ficcional feita a partir de mitos (como o Mapinguari, Mãe da Seringa, Caboclim da Mata, Boto, etc.) que são contados por eles na tentativa de explicar o mundo e os fenômenos naturais, mostrando-nos que a relação realidade/ficção na vida dessas pessoas é muito tênue e que o indivíduo capta o mundo de acordo com seus referenciais.

Afirma-se, desde Aristóteles, que o homem é um ser social e que, por isso, precisa se comunicar. Assim, linguagem e sociedade relacionam-se intimamente, ou seja, uma não existe sem a outra, conforme podemos observar nas palavras de Hildo Couto:

“Sabemos que uma língua só existe se há uma comunidade que a use e que um grupamento de pessoas só constituirá uma comunidade se tiver uma linguagem comum que possibilite a orientação do comportamento em grupo. Do contrário não é possível o intercâmbio entre os membros da comunidade... Haveria atritos constantes”. (HILDO COUTO, 1993.p9)⁴.

Vivendo em comunidade o indivíduo passa a acumular experiências e vai construindo uma cultura própria que é transmitida de geração para geração. As lembranças dessas comunidades eram conservadas na tradição oral e quando a memória falhava, entrava a imaginação para supri-la e a imaginação era que povoava de seres o mundo⁵. Sabe-se que mesmo antes da invenção da escrita, o homem já se comunicava utilizando gestos, batidas, expressões fisionômicas, símbolos,

¹ JESUALDO. A Literatura Infantil. Trad. De James Amado. São Paulo: Cultrise, 1993. p108.

² J. L. Sánchez Trincado, “Los cuentos em la escuela”, Revista de Pedagogia, Madri, fevereiro de 1934.

³ NOVAES, Nelly. O Conto de Fadas. São Paulo: Ática, 1987. p10.

⁴ COUTO, Hildo. O que é Português Brasileiro. São Paulo: brasiliense, 1993. p. 9.

⁵ JESUALDO, ob. Cit., p. 106.

sinais, sons, palavras. Mas não tinha como registrar de forma duradoura sua cultura, seus avanços, suas sensações e seus sentimentos.

Como forma de busca das origens, a figura da Mãe da Seringa, torna-se emblemática da volta às origens, ou seja, à mãe, princípio e matriz da vida, o que nos remete a uma bela afirmação da Profa. Ivete Walty, autora do livro *O que é ficção*, que nos diz que **“a arte e a ficção são espaço da criação, da volta à origem, ao estado de comunhão do homem com a natureza, ao tempo do princípio, em que tudo era criação.”** (WALTY, p. 46). E é sintomático que a Mãe da seringa seja uma figura feminina e, portanto, a provedora e protetora do leite da seringa, ou seja, do ganha pão do seringueiro.

Nos últimos anos, muitos estudiosos voltaram seus trabalhos para a relação entre língua falada e língua escrita. Hoje, sabe-se que nenhuma se sobrepõe à outra em importância e que a escrita não representa a fala; podemos relacioná-las, compará-las, mas não em termos de superioridade ou inferioridade. Fala e escrita são diferentes e as transcrições dos inqueritos são de grande importância para nosso trabalho, pois ao recuperarem a linguagem oral, nos proporcionam a oportunidade de podermos entrar em contato com o imaginário de comunidades seringueiras e suas performances no ato de contar as histórias de mistérios da floresta.

Levando em consideração os estudos sobre a oralidade e a memória voltamo-nos para o desenvolvimento da linguagem. Sendo que a memória exerce papel fundamental para a vida das comunidades dos seringueiros do Vale do Purus e do Juruá.

Assim, registrar a cultura oral desse povo através do estudo do imaginário fantástico em suas narrativas mais significativas, onde se diluem as fronteiras entre o real e o ficcional, é fazer um apanhado de suas vidas e é também estabelecer a alteridade; o olhar sobre o outro, ou seja, o olhar sobre as minorias enquanto autonomia de expressão na sociedade.